

Votos, um bem de família

Paulo Totti

Valor, 07.01.11

Neto de Miguel Arraes, Eduardo Campos, governador mais popular do Brasil é esquerdista "radical na ação"

Num encontro em São Paulo, o governador Eduardo Henrique Accioly Campos prometeu: "Vão a Recife. Vou levá-los a Olinda para conhecer a moderna culinária pernambucana". Isso acontece com a maioria dos recifenses, eles têm orgulho de... Olinda. Passada a eleição, o governador mais votado do Brasil cumpriu a promessa. Neste "À Mesa com o Valor", Eduardo Campos mostra o que a culinária de Olinda tem.

As belezas da cidade, entre o mar invasivo e as colinas acolhedoras, confirmam o que, segundo a lenda, o donatário da capitania de Pernambuco, Duarte Coelho, teria dito ao conhecê-la entre 1530 e 1540: "Ó linda situação para se construir uma vila!" No morro do Amparo, por trás da Igreja de Santa Gertrudes, incrustado na rocha e sobre patamares interligados por jardins, está o restaurante Beijupirá, reedição melhorada dos que já existem em Porto de Galinhas e Praia dos Carneiros.

Camisa esporte, calça jeans, ao lado da economista Renata, suave mãe de seus quatro filhos, Eduardo movimenta-se com dificuldade entre as mesas. As pessoas interrompem seu caminho, querem abraçá-lo. Já sentado, é ele que se levanta para saudar os conhecidos. Entre seus eleitores estão o sertanejo do cariri e do agreste e o catador de guaiamum na foz do Beberibe. E também, certamente, senhoras e senhores da sociedade elegante de Recife e Olinda - 82,7% dos pernambucanos votaram nele. O primeiro casal de Pernambuco hoje está acompanhado do secretário de Imprensa, Evaldo Costa, e mulher, além de uma assessora. Eduardo olha a noite lá fora na direção do mar, lua cheia. "De dia é ainda mais bonito."

São nove pessoas à mesa - o décimo, Renildo Calheiros (PCdoB), prefeito de Olinda, atrasou-se e perdeu a abertura dos trabalhos: delicadas porções de agulha frita, filé de agulha crocante com mel e mostarda, crepe crocante com bacalhau desfiado, polvo à vinagrete, presunto de Parma com recheio de Catupiry e geleia de amoras. Renata e Eduardo falam de recente peregrinação a Santiago de Compostela, Espanha.

- Quantos quilômetros vocês fizeram?

- Há diversos caminhos, tem de 10, 40, 300 e até 800 quilômetros. Andamos pouco, quase só na cidade. Ficamos num hotel ao lado da basílica e não tínhamos muito tempo.

- Foi a primeira vez?

- Foi a segunda. A primeira foi em 1997.

- Também depois de uma eleição?

- Fomos agora porque era Ano Santo Compostelano [quando o 25 de julho cai num domingo]. Quem ora no túmulo de San Yago recebe indulgência plenária. Em 1997 não houve eleição.

Givaldo Barbosa

Eduardo Campos, ao lado do avô Miguel Arraes, pouco antes de assumir o Ministério da Ciência e Tecnologia no governo Lula: "A convivência no tempo do ministério foi bacana"

Eduardo pertence a uma linhagem de políticos influentes na vida de Pernambuco há mais de 60 anos. Sua mãe, Ana Arraes (PSB), foi reeleita deputada federal com a maior votação do Estado (390 mil). O avô, Miguel Arraes de Alencar, cearense de Araripe, é conhecido desde 1947, quando assumiu a Secretaria da Fazenda de Pernambuco no governo de Barbosa Lima Sobrinho. Em 1962, Arraes desafiou a oligarquia (derrotou João Cleofas, UDN) e se elegeu governador à frente de aliança de esquerda com facção desenvolvimentista do conservador PSD. Cassado no golpe militar de 1964 e preso em Fernando de Noronha, Arraes exilou-se na Argélia, de onde só retornou, anistiado, 15 anos depois. Filiado ao PSB, elegeu-se novamente governador em 1986, cargo a que voltaria em 1994. Um ex-aliado, Jarbas Vasconcellos, do PMDB, impediu-lhe a reeleição em 1998. Arraes morreu como deputado federal aos 89 anos, em 2005. Eduardo é seu herdeiro político, um esquerdista que privilegia o rigor fiscal e, apoiado por 15 partidos, adota métodos de gestão pública inspirados no empresário Jorge Gerdau Johannpeter.

- Como deve proceder hoje um governo de esquerda? Aliás, o que é ser de esquerda?

- Um governo de esquerda deve garantir que o Estado esteja presente na vida de quem precisa do Estado. O Estado no Brasil ainda é um direito da elite. Ser de esquerda hoje é garantir que este país continue crescendo com sustentabilidade, promova a inclusão social e seja transparente na gestão. Há quem prefira radicalizar na palavra. Sou daqueles que radicalizam na ação: escola, hospital, água potável para todos. Quer ser um governo de esquerda? Procure universalizar o acesso à cidadania.

Com sua primeira mulher, Célia, Miguel Arraes teve seis filhos - um deles, Guel Arraes, diretor de núcleo da Rede Globo - e duas filhas, uma delas, Ana, a mãe de

Eduardo. Viúvo em 1961, casou-se com Maria Magdalena Fiúza, com quem teve mais uma filha e um filho. Maria Magdalena criou os dez, e a ela, segundo Eduardo, todos dedicam grande carinho. "Minha avó querida está com 82 anos. Ela é especial. Criar oito filhos seus já é um problema, imagine oito filhos de outra!"

Os pratos de resistência estão sendo servidos. Peixes, camarões, lagostas, polvos, acridocemente temperados com toque de frutas tropicais. O governador prefere o beijupirá com uma cobertura esfarelada de castanha. O repórter copia o entrevistado. O filé de peixe é perfumado com canela, acompanhado de arroz de curry, banana passada no coco e molho de tamarindo.

Alan Marques/Folha Imagem

Nessa hora do bem-bom, chega o prefeito de Olinda, geólogo alagoano Renildo Calheiros, ex-deputado federal pelo PCdoB e irmão do senador Renan Calheiros (PMDB-AL). Renildo e Eduardo são amigos desde a política estudantil. Eduardo foi presidente do diretório acadêmico da Faculdade de Economia da Universidade Federal de Pernambuco, cujo Diretório Central de Estudantes era presidido por Renildo, que, como parece inscrito no horóscopo de todos os dirigentes estudantis do PCdoB, acabaria presidente da UNE. Corpulento, vozeirão, Renildo toma conta de uma das extremidades da mesa, conta causos de Olinda e da época em que, ao lado de Eduardo, trabalhava no gabinete de Arraes. Na outra extremidade, o economista Eduardo diz que não completou o doutorado por causa da política. "Entrei na campanha do doutor Arraes, interrompi a pós-graduação e até hoje não voltei."

- E esses olhos verdes são ascendência holandesa?

- É uma mistura. Até no sertão tem pernambucano de olho verde. Os Arraes são bascos, mas o lado do meu pai [escritor Maximiano Campos, 1941-1998] é português. Accioly, da minha avó paterna, é italiano.

Aos 45 anos, Eduardo tem uma escadinha de filhos: Maria Eduarda, 18 anos, estudante de arquitetura; João Henrique, 17, vestibulando; Pedro, 15. "E, com um descanso de nove anos, veio o Zé, que manda em todos nós." Renata informa: "Eduardo é quem encapa livros e cadernos de todos eles".

- Suas relações com o PCdoB são boas, não?

Eduardo, provocador, responde alto, para Renildo ouvir:

- Tirando Renildo Calheiros, todo o PCdoB é meu amigo.

O governador, ao lado da mulher, Renata, no dia da reeleição

E conta que a amizade é nacional, simbolizada na decisão de deixar o ministério em 2005 com Aldo Rebelo (PCdoB-SP), para reassumirem suas cadeiras na Câmara e defender o governo Lula no episódio do mensalão. Aldo era ministro das Relações Institucionais e Eduardo, de Ciência e Tecnologia. A Câmara chafurdava no escândalo que envolveu seu presidente, Severino Cavalcanti (PP-PE). Este renunciou ao mandato para não ser cassado e Aldo sucedeu-o.

- Esse apoio estreitou a amizade com Lula...

- A gente já tinha uma relação muito boa. A convivência no tempo do ministério foi bacana.

A experiência que mais emocionou Eduardo no ministério foi a criação, em 2004, da Olimpíada Brasileira de Matemática, ideia da presidente da Sociedade Brasileira de Matemática, Suely Druck. "A Rússia tinha uma olimpíada, a França, os Estados Unidos. Com sacrifício fizemos também a nossa. Na primeira versão tivemos 12 milhões de meninos de escolas públicas concorrendo. Hoje são 19 milhões.

- Como Lula reagiu?

- Foi um dos maiores entusiastas. Ficou louco quando viu o programa em ação. Um país que tem um presidente que não completou o primário promove a maior olimpíada de matemática do mundo... E a minha emoção, quando, no dia da primeira premiação, anunciaram: "Medalha de ouro, João Lucas, Pernambuco!" Levantou-se um menino de 15 anos, aluno do ensino médio. Ele é de um distrito a 9 quilômetros de Quixaba, município que não tem asfalto, a mais de 400 quilômetros do Recife. Em 2008, eu já governador, saiu o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica [Ideb] de Pernambuco. Primeiro lugar: a mesma escola daquele gênio campeão da olimpíada, Nota 6.1, uma das maiores do Brasil. Me emocionei de novo. Fui lá conhecer a escola, levei meus filhos. Hoje ela funciona com tempo integral e já tem cinco medalhistas em diversas categorias da olimpíada.

- Quantas são as escolas de tempo integral no Estado?

- A gente pulou de 13 para 60 integrais de segunda a sexta e outras 100 que são integrais dois dias por semana, pois as outras, à tarde, são de ensino técnico. Chegaremos a 60 escolas técnicas e 300 escolas em tempo integral em 2014. Com isso,

teremos praticamente 80% do nosso alunato em regime de tempo integral. Nosso foco é o ensino médio. Mas apoiamos as prefeituras para fazer o mesmo no fundamental.

- E o que foi feito do João Lucas?

- Está sendo acompanhado pelo Instituto Nacional de Matemática Pura e Aplicada, Impa, do Ministério de Ciência e Tecnologia. O menino vai longe.

Governador e prefeito se juntam para exaltar o progresso de Pernambuco. "Na era Lula/Campos", obviamente.

Hans von Manteuffel

Na companhia de Dilma Rousseff, durante campanha presidencial em Caruaru

"Você sabe o famoso polígono da maconha, lá na região de Cabrobó, Belém do São Francisco, Salgueiro?", diz um. "Pois é, cara, acabou", diz o outro. "E o que tem lá agora?" "PAC, transposição do rio São Francisco, ferrovia Transnordestina." "A folha de pagamento no canteiro de obras é maior que a folha da prefeitura." "E o time de Salgueiro entrou para a segunda divisão do campeonato nacional." "Enquanto nosso Santa Cruz só não foi pra quarta porque não existe quarta." "Antes era só bode, bode, bode. Agora Salgueiro tem até restaurante à la carte." Os elogios se sobrepõem, acelerados, como num frevo de Capiba e Nelson Ferreira, que Eduardo encerraria, epopeico, com um toque de quatro pistons:

- O prefeito me disse: "Rapaz, você tem que vir comer um sushi aqui em Salgueiro".

A 520 quilômetros do Recife, divisa com o Ceará, Salgueiro está no semiárido, sertão pernambucano.

- Você esqueceu de contar pro Lula. Ele ia gostar da frase: "Vem comer um sushi em Salgueiro".

No trabalho, o "doutor Arraes" chamava o neto de "doutor Eduardo". No terraço da casa da família, tratavam-se de "vovô" e "Dudu". Arraes transpirava experiência e sagacidade. Eduardo, secretário particular e depois chefe de gabinete, chegava às 7 h para organizar o dia do governador, atos, decretos, projetos de lei. "As cartas pessoais não abre, separa", dizia doutor Arraes.

"Um dia, chegou uma carta da mãe do governador, minha bisavó. Mostrei e perguntei

se iria abrir. 'Deixa aí', respondeu. Terminamos de despachar e nada. Insisti, e ele disse: 'Já sei o que tem dentro. Alguém está com um problema para resolver com o Estado, problema insolúvel. Procurou os caminhos legais, falou com assessor, deputado, secretário, não conseguiu. Foi, então, atrás de minha mãe. Deve ser coisa impossível, porque se fosse possível não ia botar minha mãe no meio!'. O governador pegou a tesoura, cortou o envelope, 'leia!'. Li. Minha bisavó pedia para atender a filha de uma comadre dela. A moça tinha passado no concurso para a faixa 1 do professorado, ensino fundamental, e pedia para ser nomeada para a faixa 8, ensino médio. 'Agora', disse doutor Arraes, 'vou ter que escrever uma carta para minha mãe, com 80 e poucos anos, para explicar que não posso transformar uma professora de faixa 1 em faixa 8, e ela vai ter que explicar isso à mãe da moça!'

Renildo lembra outra passagem de Arraes pelo governo. Representantes de ONGs estrangeiras pediram uma audiência. Eram só mulheres. Falou a primeira, italiana, pedindo providências do governo estadual contra o turismo sexual. Falou a segunda, alemã, idem. A francesa, a sueca. Começava o discurso da quinta, quando o governador interrompeu (Renildo, segundo os circundantes, imita Arraes à perfeição): "Senhoras, acho que podemos chegar a um acordo. Vocês seguram seus maridos e tentamos segurar nossas meninas".

- O senhor foi secretário da Fazenda no terceiro governo do doutor Arraes. Nesse período é que o "neto do Arraes" ficou conhecido no Brasil. Como foi o episódio dos precatórios?

A rumorosa negociação de títulos públicos do Estado de Pernambuco, entre 1995 e 1997, para pagamento de precatórios judiciais não seria lembrança que um cavalheiro trouxesse à mesa do Beijupirá em noite tão agradável. Mas o governador não parece ofendido nem surpreso.

Leo Caldas/ Valor

- Houve denúncias de fraude, armou-se um escândalo nacional. O governo Fernando Henrique Cardoso deixou Pernambuco à míngua. E o procurador-geral da República, Geraldo Brindeiro, aliás primo do nosso adversário Marco Maciel, foi quem mais nos perseguiu. Passados oito anos, o Supremo Tribunal Federal, por unanimidade, rejeitou a denúncia por inepta. Ou seja, a acusação era improcedente, não houve crime, não houve fraude.

A celeuma foi criada em torno da emissão de títulos estaduais no valor de R\$ 426 milhões, negociados em condições que, segundo a denúncia, beneficiaram determinados bancos e corretoras. "A emissão foi feita pelo banco estadual. Eu não era dirigente do banco e só assumi a Secretaria da Fazenda depois da emissão", diz Eduardo.

- O caso não é explorado ainda hoje pelos seus adversários?

- Aqui as campanhas são muito duras. Em 2006, minha primeira eleição, os adversários tentaram reviver o caso, apesar da decisão do STF. Mas não encontraram ambiente. Fui julgado pela Justiça e pelas pessoas que me conhecem, que sabem onde moro, com quem ando, como me comporto.

Duas senhoras se aproximam. Eduardo levanta-se. Abraçam-se, trocam beijos. "É uma grande artista plástica pernambucana, paisagista. Tereza Costa Rego", diz o governador quando ambas se retiram para outra mesa. "É viúva de Diógenes Arruda Câmara."

- Diógenes? Mas não é muito jovem para ser viúva dele?

- Ela tem 81 anos e Diógenes era bem mais velho que ela.

Trata-se, com efeito, da mulher de Diógenes Alves de Arruda Câmara (1914- 1979), comunista histórico - primeiro do PCB, de Luiz Carlos Prestes; depois do PCdoB, de João Amazonas - preso pela ditadura militar em 1968. Solto em 1972, asilou-se em Paris, de onde só voltou em 1979, para morrer logo depois, de enfarte. "Na clandestinidade, Tereza assinava seus quadros como Joanna. A outra senhora é jornalista, filha de Tereza."

Antes das sobremesas o governador sugere um brinde. Ao erguer a mão direita fica à mostra uma pulseira branca, de plástico.

- Lembrança de Compostela?

- Não. É a pulseira do equilíbrio. O princípio é a irradiação cósmica que vem não sei de onde e transmite energia. Um amigo trouxe para nós dos Estados Unidos, mas os meninos nos tomaram. Compramos outras duas em Paris. Não tiro nunca. É um amuleto.

Participaram do jantar as jornalistas Vera Brandimarte e Maria Cristina Fernandes